



Livro-Reportagem “Histórias De Beco: Quando A Poeira Assenta Entrevemos Rostos, Punhos E Corações”¹

Mayara Carolinne Beserra de ARAÚJO²

Agostinho GÓSSON³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

O maior mercado de comércio ambulante do Ceará, situado no centro da capital, Fortaleza, estava prestes a ser desfeito: era preciso, de algum modo, imortalizar seus registros, guardar sua história. Neste artigo, uma breve contextualização, conceituação dos fundamentos teóricos e descrição dos processos que deram origem a um livro-reportagem produzido a fim de narrar um tanto do cotidiano do Centro de Pequenos Negócios de Vendas Ambulantes, conhecido popularmente por Beco de Poeira, seus vendedores e compradores; as querelas políticas; o proibido e o lícito. Para contar esta estória, faz-se uso da crônica, do conto, da reportagem, das pesquisas em jornais e de ilustrações em nanquim.

PALAVRAS-CHAVE: Beco da Poeira; reportagem; ilustração; comércio; crônica.

INTRODUÇÃO

Segura a minha mão! - Adentrando o Beco de Poeira

Registrar o cotidiano de um espaço central, comercial e popular de uma cidade é praticamente entrevê-la em proporção menor, mas não menos dinâmica. Movimento, rede de relações e interesses, estereótipos, autonomia criativa e subversão são elementos identificáveis na bruma da correria dos mercados, em geral, existentes nas grandes cidades.

O lugar é o Centro Comercial de Pequenos Negócios ou Centro de Pequenos Negócios de Vendas Ambulantes. O nome oficial não se conhece ao certo, o que não é um problema, já que o mercado é conhecido mesmo por Beco da Poeira, situado entre as praças da Lagoinha e José de Alencar, no centro de Fortaleza, capital cearense. Um dos maiores, senão o maior centro de comércio popular do Estado, as grandes tendas contíguas, em ferro e amianto, abrigam 2.050 boxes organizados em cerca de 22 estreitas galerias, subdividas

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria II - Jornalismo, modalidade o. livro-reportagem.

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo- UFC, email: carol.mcba@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo- UFC, email: agosson@uol.com.br.



por gêneros comercializados: frutas e verduras, eletrônicos, miudezas e importados, calçados e artigos em jeans, além das chamadas modinhas: blusas, saias e vestidos em malha fria, ligante ou radiosa, consumidas por clientes diversos, desde funcionários de outras lojas do centro (que, muitas vezes, se recusam a comprar no estabelecimento em que trabalham pela diferença significativa de preços) até sacoleiros de outros estados, que viajam centenas de quilômetros para reabastecer no Beco suas boutiques e barracas.

Exemplo da capacidade de autonomia criativa e de subversão da cultura dominante, a moda do Beco consiste principalmente na apropriação e transformação do que é consumido nas telenovelas globais e em criações exclusivas das pequenas redes de confecção, baseadas em modelos “de marca”. Acessórios, roupas, cores, tendências, tudo é absorvido, reinventado e repassado ao freguês, que, muitas vezes, já vai ao Beco em busca desta moda, previamente conferida na Tv e nos grandes shoppings.

A fim de registrar este cotidiano marcado pelo calor da cidade, o aperto e a correria do comércio, deixamo-nos perder entre os ordinários corredores da feira por seis meses de visitas frequentes.

2 OBJETIVO

Rostos na bruma da poeira – o porquê e o para quê de um livro-reportagem

Este ensaio consiste na construção de uma longa reportagem a partir de relatos circunstanciais inspirados na crônica reporteira e de imagens categorizadas como ilustrações jornalísticas a fim de captar esses tais elementos, esses sintomas do cotidiano urbano. A intenção é revelá-los, explicá-los ou simplesmente permitir que os leitores, indivíduos tão comuns e, ao mesmo tempo, complexos quanto os envolvidos na reportagem, possam se projetar para a feira e conhecê-la em estrutura, personagens, rotina e problemáticas.

Objetivo, contudo, não apenas estas respostas, mas principalmente o encontro com o acaso, com as circunstâncias imprevisíveis, triviais ou não, berço autêntico da crônica. Desse modo, corro contra o tempo, feito o estereotipado fotógrafo japonês, com sua máquina ao pescoço, registrando vorazmente tudo o que vê. A intenção, paradoxalmente até, não é a correria, mas o registro sensível. O relato da sinestesia presente em prosa e imagem, crônica e desenho, pesquisador e objeto, passado e futuro. O Beco é o palco e o protagonista, o texto é o relato da mistura de sensações que o mercado – e tudo o que ele significa – produz.



3 JUSTIFICATIVA

O tempo não espera – a emergência em retratar o Beco

O Centro Comercial de Pequenos Negócios como conhecido até o momento de escrita deste ensaio foi fundado em 1991, na gestão de Juraci Magalhães. No entanto, antes disso, o termo “Beco da Poeira” denominava um dos espaços mais perigosos do centro da cidade, um terreno baldio, lar dos “descuidistas e das prostitutas”, como diziam os jornais da época. Este era o Beco que se conhecia até 1987, quando a prefeita em exercício, Maria Luiza Fontenele, autorizou a demolição dos barracos que o constituíam. A ação fazia parte do mais novo programa de reforma do centro: a operação “Reconquistando o Coração da Cidade”, que visava devolver à praça José de Alencar seu status de espaço de lazer, retirando as paradas de ônibus (à época, o lugar funcionava como um terminal rodoviário) e os ambulantes, sobretudo os de carne e peixe, que davam à praça aparência e odor de mercado a céu aberto.

As ações de Maria Luiza e de Juraci Magalhães foram duas das muitas tentativas de reorganização do centro da cidade, comandadas por diversos administradores municipais. Atualmente, na gestão da prefeita Luizianne Lins, mais uma tentativa é feita, motivada pela construção da Estação Lagoinha do Metrofor – projeto de metrô de Fortaleza, acordado desde Juraci Magalhães –, e apressada pela escolha de Fortaleza como uma das cidades sedes da Copa do Mundo, em 2014. Segundo prefeitura e governo do Estado, a estação será construída onde hoje está situado o Beco da Poeira e necessita estar pronta já em 2011, gerando novos sentimentos de apreensão e expectativas nos trabalhadores do Centro Comercial, que se preparam, depois de 18 anos no mesmo estabelecimento, para uma provável mudança definitiva.

Este compêndio de crônicas e ilustrações revela-se, portanto, não à margem da história, contemplando as condições e circunstâncias em que se desdobra o cotidiano dessa gente, mas mergulha, imerge com eles, apresentando os protagonistas da reportagem como seres e situações inacabados, livros rabiscados, mas não definitivamente escritos. A história do Beco da Poeira e dos atores sociais que o constituem (inclusive membros das associações e prefeitura) está em marcha e estes escritos caminham com eles, tomando nota do possível, observando o desterro com olhos ávidos, famintos, e ao mesmo tempo detalhistas e sensíveis.

Diante da perspectiva de mudança e da conseqüente destruição do que há 18 anos se conhece por Beco emergem as dúvidas do que será da memória do grande mercado, do amontoado desordenado de ferros, toldos e malhas que hoje abriga tanto de tudo, e amanhã



– nos próximos meses – tornar-se-á novamente o que há onze ou doze anos fora: um terreno baldio e aplainado à espera do novo, de uma nova construção. Como vivem os trabalhadores do Beco, como são seus dias, afazeres, preocupações, que histórias nos podem contar? Mais que isso: o que pensam da mudança, da história do Beco, da memória? O que guardarão daquela estrutura, do aperto, do suor, do amontoado? E mais: o que esperam do novo Beco da Poeira, seja ele na antiga tecelagem na Avenida Imperador, como propõe a prefeitura, ou no “esqueleto” da Tristão Gonçalves, como exige a Associação Profissional dos Vendedores Ambulantes do Ceará - Aprovace? Que novidades trará consigo o novo espaço e o que a organização e a limpeza deste não será capaz de ofertar? Em suma, do que sentirão saudades? Muitas perguntas em tão pouco tempo e espaço.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

É três por dez, cliente! – Múltiplos textos para descrever olhares idem

Motivados pela experimentação do livro-reportagem como suporte para outras mídias e gêneros, para a produção desta obra nos munimos de dois formatos, duas técnicas-chave: a crônica reporteira e a ilustração jornalística, desenvolvidas com base nos mesmos métodos de apuração, a observação participante, a entrevista, a pesquisa em jornais e, especificamente nos desenhos, o estudo de fotografias.

Texto escrito: crônica e reportagem

Jorge de Sá em seu livreto *A Crônica*, num conteúdo tão objetivo quanto o título, refere-se ao gênero crônica como um registro circunstancial feito por um narrador-reporter que é também, de certo modo, ator, partícipe, do relato. Ao longo do tempo, crônica e reportagem por vezes foram confundidas, já que há muito alguns produtos jornalísticos vêm se construindo com ares de uma leveza poética própria da literatura. No entanto, ainda que a reportagem possa também explorar a função poética da linguagem, a crônica está firmada na liberdade do cronista e se constrói a partir dos seus comentários, impressões, da sua ótica, o que, em geral, não ocorre – explicitamente – na reportagem. A crônica é filha das redações, sua casa é o jornal. Dele herdou, como diz Jorge de Sá, “esse seu lado efêmero de quem nasce no começo de uma leitura e morre antes que se acabe o dia, no instante em que o leitor transforma as páginas em papel de embrulho”. Ao migrar para as revistas, coletâneas e livros, a crônica estreita suas relações com a memória, funcionando como um modo de captar o “instante brevíssimo” e de, por meio do suporte livro, guardá-lo por toda a vida.

Já a crônica reporteira, conceito desenvolvido pelo jornalista cearense Ronaldo Salgado, consiste, em parco resumo, na união deste híbrido gênero literário com elementos e características intrínsecos ao jornalismo: a escuta de fontes, a ida a campo, a pesquisa e o uso do jornal diário para publicação. Salgado desenvolve este conceito com base nas crônicas de João do Rio, codinome do escritor e jornalista carioca Paulo Barreto (1881 – 1921). João do Rio reportou o Rio de Janeiro do fim do século XIX, início do século XX, flanando por suas ruas, observando suas paisagens, mas, principalmente, integrando-se com seus habitantes. Paulo Barreto imerge na pulsante vida carioca, frequentando desde os glamorosos cafés, à imitação dos franceses, até as rodas de candomblé, à beira-mar. Salgado atribui a João do Rio a inauguração do jornalismo de cidades e desenvolveu em seu livro, *A Crônica Reporteira de João do Rio*, a teoria de que, apesar de Raul Antero ter intitulado de crônica janeleira esta escrita de Paulo Barreto, “João do Rio não ficou só na janela. Ele as abriu e foi à rua.”

“São vários os significados da palavra crônica, todos implicam, porém, na noção de tempo, presente no próprio termo, que procede do grego *chronos*. Um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem que faz dela uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo. Lembrar e escrever: trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica vivido – uma definição que se poderia aplicar igualmente ao discurso da História, a que um dia ela deu lugar.” (ARRIGUCI JUNIOR, Davi apud SALGADO J.A., p. 130)

A escolha da crônica para este livro também está estritamente relacionada a esta definição de Arriguci Junior, quando a conceitua como “registro da vida escoada”. Só a crônica seria capaz de captar a tempo a vida de um Beco da Poeira prestes a ruir, só ela poderia pôr freios à correria dos centros urbanos, atrasar os passos e os gestos para narrá-los com calma, como se fosse possível ao cronista acionar um comando de “Slow Motion”, próprio das películas audiovisuais. A crônica dos jornais, porém, também espera o mesmo destino da correria cotidiana, amanhã será usada, como diria Antônio Candido, “para

embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha”. Por este motivo, fazemos uso da crônica em livro, tornando ainda mais possível guardar a vida antes que escoe, a fim de que nem a crônica nem o assunto por ela pautado, neste caso o Beco, sejam corroídos tão rapidamente pela maresia do tempo.

Este livro-reportagem, no entanto, não consiste apenas de escritos, mas também de imagens. Estas se unem ao texto na função de receptáculos da memória e foram pensados, aliás, sob essa mesma missão da crônica: guardar o Beco de 18 anos em diversos suportes – ilustração, fotografia, recortes de jornal.

Textos visuais: a ilustração jornalística, a fotografia e os recortes de jornal

O que se entende e discute acerca de ilustração jornalística é demasiado recente e confuso. O conceito e a aplicação atual referenciam-na como complemento da reportagem. Contudo, mais que subserviente à matéria de jornais e revistas, a ilustração pode perfeitamente funcionar como suporte autônomo da informação, assim como a literatura, o rádio, a televisão ou a fotografia.

Nesse sentido, repenso a ilustração como suporte jornalístico, tanto quanto o texto, conferindo-lhes pesos iguais na transmissão da informação. Trago-os unidos, mas lhes concedendo autonomia para que cada um transmita mensagens diferentes, inerentes a suas capacidades particulares, como se o desenho contasse uma parte da história que o texto não sabe dizer.

Como referência de ilustração que une arte e jornalismo, trago à baila as pinturas do artista Decartes Gadelha, reconhecidas por suas discussões sociais e a revelação de imagens do cotidiano que dão crédito ao bordão “uma imagem vale mais que mil palavras”.

Decartes Gadelha, desenhista, pintor e escultor cearense, é reconhecido por seus gritos de denúncia e indignação a partir da tela. Exposições como “Iracemas, morenos e Coca-colas”, em que expõe a vida, segundo o autor, antes romântica e atualmente perversa da prostituição cearense, e “Catadores do Jangurussu”, nascida da experiência de viver com os catadores no lixão por meses, retratando-lhes a sobrevivência e a morte, dão renome e concedem respeito à obra de Gadelha, verdadeiramente jornalística ainda que o próprio autor admita não ter uma preocupação de registro objetivo proveniente do fotojornalismo, por exemplo. Se analisada sob a práxis, os modos de fazer, da profissão, a arte de Gadelha assemelha-se, sim, ao jornalismo, mas ao sensível, descomprometido com a efemeridade, a pressa, os *fait divers*. As pinturas e esculturas surgem a partir da vivência e, sobretudo, da

apuração, da investigação do artista, sensível aos clamores dos personagens retratados, como se cada tela fosse capaz de contar uma parte da grande reportagem em que se transforma o conjunto de obras de cada exposição; em cada pintura, um perfil, uma entrevista, uma crônica, uma citação em olho.

“O conjunto de quadros forma uma peça inteiriça, unitária. Um diagnóstico plástico do submundo do meretrício em seus aspectos principais. Entretanto, cada quadro é uma cena específica do drama de cada um. (Descartes Gadelha, sobre a exposição “Iracemas, Morenos e Coca-colas”)

“A pintura é realizada sem a preocupação foto-jornalística da denúncia social, mas sim com a intencional busca da atmosfera psicológica do meio ambiente; são impressões coloridas e gestuais feitas da desesperada disputa de encontrar, mesmo remotamente, algo reaproveitável e que sirva de qualquer forma para prolongar por mais um pouco corpos semi-imprestáveis, esfarrapados pela miséria.” (Descartes Gadelha, sobre a exposição Catadores do Jangurussu)

É a partir do estudo dos conceitos de ilustração em jornalismo, para conhecê-los, e das pinturas de Gadelha, para subvertê-los, que procuro construir os alicerces de minha própria linha estética e produtiva, apreendendo não as características próprias do pintor Gadelha, feito uma ordinária mimese, mas os modos de apuração e de captação da realidade representada na tela. Vamos ao Canson A3 em busca de reportar nossas fontes e seus ambientes: a estrutura confusa dos corredores, situações e rostos, tão difíceis de serem vistos na correria - são estes os principais temas.

A fotografia e os recortes de jornal, no entanto, assumem, neste caso, a função de apêndices. Formas de comprovar a veracidade de informações ou servindo como objetos de referência para as ilustrações. A despeito desses, o desenho foi escolhido como carro-chefe desta obra sobretudo porque acreditamos na premissa de que, no trato de certos vértices do cotidiano, somente descrever pela literatura ou retratar pela fotografia, muitas vezes, não é suficiente, pois que os aspectos psicológicos emanados dos personagens e do ambiente ao longo dos acontecimentos podem não ser satisfatoriamente contemplados por esses modos. O desenho, a pintura, ainda que semelhantes à fotografia são capazes de melhor apreender o



que a arte chama de “escorço”, que seriam as nuances subjetivas das imagens, que nem sempre são somente aquilo que vemos, mas também o que sentimos ao ver. Os traços possuem esta capacidade de explicitar ou esconder elementos da figura de acordo com o que o artista pretenda revelar.

Assim, portanto, foi visitado o Beco da Poeira. Por jornalismo, crônica, ilustração, fotografia. Por olhos e ouvidos atentos, prestativos, por mãos ágeis, passos lentos e memória falante.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Cuidado com o degrau, moço! – um passeio capítulo a capítulo

Esta série de relatos e imagens foi produzida em seis meses de visitas freqüentes ao Beco da Poeira, constituindo mais de 200 horas de vivência no objeto pesquisado, além do período de cerca de um mês e meio de consultas aos jornais da hemeroteca do Estado, na Biblioteca Menezes Pimentel.

Durante a pesquisa de campo, buscamos levar ao centro de Fortaleza os conceitos de Ronaldo Salgado, Arriguci Junior, Antonio Candido, Jorge de Sá, Decartes Gadelha e de outros tantos, pondo em prática a crônica em moldes de reportagem e de ilustração, revestindo-nos ora da natureza de jornalista, ora de cronista, para ir às ruas do Beco da Poeira. A cada capítulo, contudo, é notável que estas tais naturezas não só dialogam, mas se digladiam, confundem, por vezes numa voraz queda de braço – particularmente sofrida, mas fundamental à essência deste livro, que é originado na experimentação de linguagens e de modos de fazer.

No primeiro capítulo, ficção e realidade se misturam na tentativa de recontar um período da vida ambulante do centro de Fortaleza, desde a vida difícil nas praças José de Alencar e Lagoinha até o cotidiano do Beco atual, passando pelo registro das várias mudanças de local e reformas, além da atuação do “rapa”. Os eventos, contudo, são narrados em forma de conto, através de um personagem fictício construído a partir das vivências de vários entrevistados. Os depoimentos e as imagens de jornal utilizadas no capítulo têm por função retomar a realidade que a ficção “rouba” ao longo da narrativa.

No segundo capítulo, une-se jornalismo e crônica. Desta interação surge um texto em que a descrição e a reflexão da crônica equilibram-se com as informações objetivas do jornalismo a fim de contar uma primeira aproximação com o Beco da Poeira: a primeira conversa com os vendedores, em que debatemos algumas questões cruciais como a vida de



cada um deles, o local de trabalho (desprovido de quaisquer condições dignas) e a iminente saída.

Em “Dias de Sábado”, “A Rua Rente ao Chão” e “Vida de Sacoleiro”, capítulos III e IV, a crônica se perpetua: ganhamos os corredores livremente, permitindo-nos à sinestesia e a simples observação: de cheiros, olhares, texturas, cenários e acontecimentos. Dessa experimentação, nascem a narração de um sábado atípico (um dia dos pais no Beco), a descrição do corredor mais obscuro e perigoso da feira, a rua da pirataria, e o difícil conhecimento da rotina dos sacoleiros, que viajam horas, vindos de outras cidades e estados em busca da mercadoria.

Em “Cotidiano de Beco e o Rappa”, as músicas do grupo carioca O Rappa são o tempero de subjetividade adoça, amarga, salga ou torna, por vezes, mais ácida a narração de uma visita ao Beco um dia depois de uma audiência pública em que se discutiu mais uma vez a saída dos vendedores. Neste capítulo, as declarações mais comprometedoras, fruto das dúvidas e confusões, são apresentadas. No último deles, “Onde está minha parte da verdade”, decidimos entrevistar as duas principais partes envolvidas nas questões políticas que giravam em torno da retirada dos permissionários e da destruição do Beco da Poeira: a prefeitura e a associação dos permissionários, a Aprovace, com o objetivo de possibilitar um debate democrático, perseguindo sempre que possível a imparcialidade, a mediação e a investigação para que a reportagem cumprisse competentemente sua cota de responsabilidade social.

6 CONSIDERAÇÕES

Vamos dar uma olhadinha, cliente? – Observando o cenário e quebrando paradigmas

Desde o advento da internet e de seus modos de interação e produção cada vez mais velozes e imprevisíveis, pesquisadores do campo da comunicação se perguntam o que será dos jornais impressos e, principalmente, dos livros.

O fato é que, desde Gutemberg, percebe-se que a história das mídias está atrelada às revoluções tecnológicas, moldando-se e reinventando-se a cada descoberta de novas técnicas. As inovações no campo digital, mais perceptíveis a partir dos anos 90, vêm paulatinamente transformando os modos de fazer jornalismo, pois mudam também a forma como o público deseja receber a informação. Contudo, enquanto atualmente 140 caracteres são suficientes para informar as manchetes do dia, atualizadas a cada 20 ou 30 segundos, eles ainda não são capacidades (e, creio, jamais o serão) de reportar com riqueza de detalhes descritivos e analíticos as nuances da notícia. É neste universo que se inserem os formatos



analógicos – assim digamos – e, em especial, os livros-reportagem. Cabe a eles, neste contexto, receber as narrativas de grande porte, permitindo que se estendam na análise de perspectivas, nas descrições de ambientes e personagens, na apuração subjetiva dos acontecimentos.

A proposta deste livro-reportagem sobre o Beco da Poeira, em termos de teorias do jornalismo e de técnica de reportagem, foi quebrar paradigmas em torno da produção deste tipo de obra. Edvaldo Pereira Lima, jornalista escritor do livro *Páginas Ampliadas*, principal teórico acerca deste tema, compreende o livro-reportagem como um gênero jornalístico ou mesmo literário. Para nós, contudo, o livro é, na verdade, um suporte de gêneros, um receptáculo de experimentações de mídias, demonstrando inclusive como a experiência de formatos e gêneros em jornalismo podem ser feitas no universo analógico e não apenas no digital. Para nós, o livro-reportagem pode e deve ser o lugar do conto, da crônica, da entrevista, do perfil e mesmo das mídias visuais como as ilustrações e fotografias, mídias que se congregam em um objetivo específico, para além de informar e orientar (sugeridos por Otto Groth), o de guardar a memória dos acontecimentos, das pessoas, dos objetos, de atuar como receptáculo e casulo da vida humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, W. C. O jornalismo como disciplina científica: a contribuição de Otto Groth. São Paulo: USP, 1972.

LIMA, E. P. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

RIO, J. *A alma encantadora das ruas: crônicas* / João do Rio; organização Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

SALGADO, R. *A crônica reporteira de João do Rio*. Fortaleza, CE: Laboratório de Estudos da Oralidade / Expressão Gráfica e Editora, 2006.

SÁ, J. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Museu de Artes da UFC. Catálogo de Exposições de Decartes Gadelha. Apresenta textos de críticos, jornalistas e do próprio autor acerca de suas exposições. Disponível em:

<<http://www.mauc.ufc.br/expo/1989/01/index1.htm>>. Acesso em: outubro de 2009.